



ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade de Brasília

Outubro 2012



Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo

Valéria Piccoli Gabriel da Silva

Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Crítica e História da Arte da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Resumo: A apresentação aborda o processo de construção e implementação do projeto da exposição “Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo”. Coloca-se em discussão a elaboração da mostra de um acervo museológico, analisando-a a partir de diversos pontos de vista: da metodologia colaborativa de trabalho, da constituição de uma narrativa arte-histórica, do desenho expográfico, conteúdos textuais e recursos educativos, entre outros.

Palavras-chave: Museus – Brasil – século XXI; Exposições – Brasil – século XXI; Coleções – Brasil – século XXI

Abstract: The presentation takes as subject the working up of the exhibition project “Art in Brazil: a story at the Pinacoteca de São Paulo”. It brings to discussion the process of preparing a show on a historical collection, approaching the subject from multiple viewpoints: the collaborative work of different departments in the museum, the creation of an art-historical narrative, the

installation, educational proposals, texts and labels, among others.

Keywords: Museums – Brazil – 21st century; Exhibitions – Brazil – 21st century; Collections – Brazil, 21st century

A abertura em outubro de 2011 da exposição de longa duração *Arte no Brasil – uma história na Pinacoteca de São Paulo*, que ocupa todo o segundo andar do edifício da Avenida Tiradentes com obras do acervo, marca uma nova etapa no centenário percurso deste museu. Ela sucede a mostra que foi inaugurada em 1998, no mesmo espaço, ao final do restauro do edifício, e que permaneceu aberta à visitação pública até o final de 2010, cumprindo um papel fundamental no fortalecimento da instituição.

No entanto, desde sua inauguração, o aspecto físico e de conservação do segundo andar haviam se deteriorado bastante, marcando uma notável diferença com relação à aparência e nível de manutenção do piso de exposições temporárias do museu. Considerando-se que a coleção constitui de fato o patrimônio da instituição – que deve ser encarado como o ponto focal a partir do qual se organizam as atividades do museu – era preciso corrigir esse desnível, aplicando o mesmo padrão de excelência das exposições temporárias ao modo como a Pinacoteca exibe a sua coleção. A nova proposta para a mostra do acervo deveria contemplar, portanto, não apenas a constituição de uma outra narrativa na distribuição das obras, como também

a renovação do espaço físico das salas expositivas e das informações veiculadas em textos de parede e etiquetas. A iniciativa buscava afirmar que o acervo é o centro do museu, e assim sendo, deve ser objeto de constante revisão e de múltiplas possibilidades de leitura.

Esta comunicação tem como objetivo apresentar o processo de elaboração da referida mostra, que resulta de uma organização de trabalho colaborativa iniciada em 2008 pelo Núcleo de Pesquisa em Crítica e História da Arte da Pinacoteca do Estado de São Paulo. O projeto compreendeu uma série de etapas, que estão descritas a seguir.

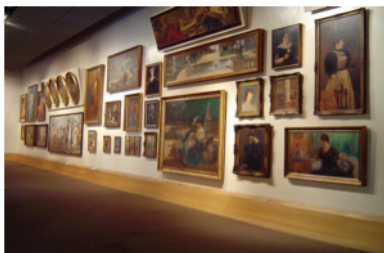


Figura1 - Aspecto da exposição do acervo da Pinacoteca, 2009

Pré-projeto: Metodologia de trabalho

Para a definição dos parâmetros que orientariam a criação do partido curatorial, optou-se por promover uma ampla avaliação da exposição do acervo, conduzida a partir da consulta a seus diferentes públicos e usuários.

1 - Avaliação da exposição anterior

1.1 - Depoimento dos educadores do Núcleo de Ação Educativa.

Foram realizados encontros com os educadores que trabalham diretamente no atendimento aos grupos que percorrem o acervo em visitas agendadas. Eles foram convidados a falar de suas próprias experiências no decorrer das visitas tanto de grupos escolares quanto de grupos espontâneos participantes dos diversos programas oferecidos pelo museu, como o PEPE (Programa Educativo para Públicos Especiais) e o PISC (Programa de Inclusão Sociocultural), entre outros. As principais reivindicações deste grupo quanto à conceituação e expografia da nova exposição foram:

- a lógica de condução das visitas orientadas na Pinacoteca se baseia num princípio comparativo e seria necessário manter e potencializar as possibilidades de comparação por meio do uso de obras com técnicas, datas e estilos diferentes;
- seria fundamental oferecer a grupos específicos a possibilidade de reconhecimento suas próprias matrizes culturais nas obras expostas;
- grande dificuldade de circulação com grupos de visitantes nos espaços mais recortados com painéis divisórios: a nova exposição deveria manter o espaço das salas o mais desobstruído possível;
- importância da criação de mais áreas de descanso para os visitantes;
- reclamação unânime dos visitantes quanto à identificação das obras nas legendas;

- ter em conta a acessibilidade dos cadeirantes na circulação pelo espaço expositivo e na altura de bases de esculturas.

1.2 - Depoimento dos atendentes de sala

Os atendentes que se revezam no apoio ao público visitante nas salas de exposição da Pinacoteca foram convidados a responder um questionário elaborado pela museóloga Adriana Mortara Almeida, consultora do projeto de reformulação da mostra do acervo da Pinacoteca. As perguntas propostas visavam coletar a opinião desses profissionais sobre a exposição a partir da observação dos percursos e comportamento dos visitantes nas salas de exposição. O questionário levantou os aspectos descritos abaixo:

- as perguntas mais freqüentes do público aos atendentes se referiam à história do edifício e à existência de material de apoio à visita, como folhetos e mapas;
- as reclamações mais freqüentes diziam respeito à conservação e manutenção das salas, assim como à falta de sinalização geral, apontando para a necessidade de reforma física do andar;
- havia reclamação também com relação às etiquetas de identificação das obras e aos textos de parede, considerados muito difíceis de ler;
- atestavam que a maioria dos visitantes não seguia o percurso proposto pela exposição,

andando aleatoriamente pelo espaço e não visitando, portanto, todas as salas de exposição.

1.3 - Conversas sobre o acervo

Promoveu-se ainda um ciclo de depoimentos em que críticos, historiadores e profissionais de reconhecida atuação na área de museus no Brasil eram convidados a opinar sobre a antiga exposição, apontando e debatendo com a equipe da Pinacoteca os pontos considerados de maior e menor eficácia naquela montagem do acervo, além de responder a perguntas específicas colocadas a todos os participantes.

Alguns dos participantes do ciclo *Conversas sobre o acervo* foram Aracy Amaral e Maria Alice Milliet (ex-diretoras da Pinacoteca), Rodrigo Naves, Ronaldo Brito e Rafael Cardoso (críticos de arte), Tadeu Chiarelli (diretor do MAC-USP), Paulo Garcez Marins (pesquisador do Museu Paulista) e Marcio Doctors (diretor da Fundação Cultural Eva Klabin). Os pontos mais importantes que resultaram desses depoimentos foram:

- Partido curatorial: pertinência de uma narrativa cronológica da história da arte no Brasil, enfatizando a história do museu e sua relação com a cidade, uma vez que não existe em São Paulo uma instituição que se ocupe de exibir um panorama da arte brasileira; redução do número de obras expostas e criação de relações mais explícitas entre elas.
- Estratégias para ativação do acervo: propor revisões

sistemáticas da coleção em mostras temporárias; promover a justaposição de obras contemporâneas e históricas; criação de salas de leitura como apoio ao percurso historiográfico.

- Textos e etiquetas: textos mais curtos e objetivos; etiquetas atualizadas e comentadas para as obras mais significativas.

- Expografia: criação de um espaço diferenciado de contemplação; enfatizar a qualidade de apresentação da mostra como parte da experiência estética do visitante.

- Desafios: ampliar os comodatos para cobrir lacunas do acervo; romper com o padrão de sucessão de escolas e movimentos; ensinar a olhar e aprimorar a experiência estética.

1.4 - Pesquisa junto ao público visitante

Foi realizada ainda uma pesquisa junto ao público visitante do museu conduzida pela museóloga Adriana Mortara Almeida. O objetivo dessa pesquisa era contribuir com a opinião dos visitantes no estabelecimento de parâmetros para a realização das modificações apontadas como necessárias na exposição do acervo, de modo a torná-la mais afim às expectativas do público.

A pesquisa foi aplicada aos visitantes de 15 anos de idade ou mais, não participantes de visitas monitoradas ou grupos agendados e consistia no delineamento do percurso feito pelo visitante dentro

do espaço expositivo, bem como a aplicação de um questionário. O delineamento dos percursos permitiu, por exemplo, verificar quais os pontos de maior retenção de atenção do público, as obras mais vistas e as menos observadas, bem como as salas mais visitadas e as menos frequentadas. As principais questões reveladas neste processo foram:

- a maioria das pessoas consultadas visitava o segundo andar apenas uma vez, sendo o retorno ao museu motivado apenas pelas mostras temporárias;
- dificuldade generalizada de compreender a exposição do segundo andar como uma narrativa contínua;
- dificuldade de orientação espacial: os visitantes caminhavam aleatoriamente pelo espaço e não sabiam responder se tinham visitado todas as salas;
- reclamavam da extensão dos textos de parede e da falta de informações completas em muitas das etiquetas;
- a permanência numa sala estava diretamente relacionada à existência ou não de bancos para sentar;
- os visitantes tendiam a evitar o ingresso em salas com muitos painéis divisórios;
- reclamavam de problemas de iluminação e altura de algumas obras;

- a maioria afirmava preferir um percurso cronológico.

As informações coletadas nos depoimentos dos diferentes tipos de público do museu foram organizadas num relatório e, posteriormente, apresentadas e discutidas no auditório da Pinacoteca, em sessões abertas a todos os funcionários, em 27 e 28 de abril de 2009. A partir de então, foram decididas conjuntamente as próximas etapas para condução do projeto.

2 - Confeção da maquete do segundo andar

A idealização da nova exposição do acervo sempre foi pensada como um processo de trabalho colaborativo, envolvendo a equipe de curadores e profissionais dos demais setores do museu. Portanto, era necessário valer-se de um instrumento de projeto adequado, que permitisse a toda a equipe a visualização das propostas e pudesse, assim, subsidiar as discussões em grupo. Decidiu-se pela confeção de uma maquete física das salas expositivas e miniaturas das obras selecionadas.

Para a execução da maquete foi firmado um convênio entre a Pinacoteca e o Laboratório de Automação e Prototipagem para Arquitetura e Construção (LAPAC) da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Unicamp. A Pinacoteca responsabilizou-se pelos recursos para compra dos materiais que seriam utilizados na maquete, enquanto à Unicamp coube disponibilizar os equipamentos do

laboratório, assim como a mão-de-obra necessária à realização do projeto.

Em projeto coordenado pela Profa. Dra. Gabriela Celani, a maquete foi confeccionada em escala 1:25, ocupando uma área de aproximadamente 2 x 3 metros. Para facilidade de transporte e desmontagem, ela foi executada em módulos separados que eram colocados sobre uma lona, onde estava impressão a planta geral do pavimento. As paredes da maquete foram pintadas com tinta imantada e foram executadas ainda miniaturas de cerca de 800 obras do acervo pré-selecionadas para compor a nova exposição.

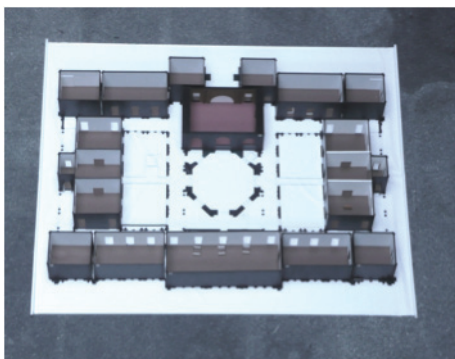


Figura 2 - Maquete do segundo andar da Pinacoteca – Edifício Luz confeccionada pelo LAPAC-Unicamp

3 - Constituição do Grupo de Trabalho

A partir de maio de 2009, foi constituído um Grupo de Trabalho (GT) para o desenvolvimento do projeto da exposição do acervo envolvendo representantes dos núcleos de Gestão Documental do Acervo, Ação Educativa, Conservação e Restauro, Expografia e Montagem, Comunicação e Centro de Documentação e Memória,

além dos curadores e diretores do museu. O GT se reuniu quinzenalmente durante um semestre para validação das propostas conceituais de exposição, planejamento de atividades educativas em torno do acervo, discussões sobre a reforma das salas e mobiliário expositivo, entre outros assuntos pertinentes à realização do projeto.

Definição do Partido Curatorial

O partido adotado para a nova distribuição do acervo foi fundamentado em alguns pressupostos, a saber:

1. visto que a Pinacoteca terá um terceiro edifício destinado à exposição de sua coleção de arte contemporânea, optou-se por dividir o acervo histórico entre os edifícios da Luz e da Estação Pinacoteca, de modo que o primeiro abrigue as obras compreendidas entre o período colonial e as primeiras décadas do século XX, e o outro, entre o Modernismo e os anos 1950.
2. tendo em conta a não existência em São Paulo de um museu de arte que ofereça ao público uma visão geral da história da arte no Brasil, e que o acervo da Pinacoteca permitiria a realização deste propósito, optou-se pela adoção de um critério cronológico para exibição das obras, sendo as salas organizadas em torno de temas relevantes para a compreensão deste tema. Os limites temporais adotados para a exposição da Pinacoteca Luz são, grosso modo,

definidos pelo acervo de arte colonial e a década de 1930, posto que no Salão de 1931 se estabelece a diferenciação, dentro do próprio sistema acadêmico, entre Belas Artes e Arte Moderna.

3. embora, do ponto de vista de sua arquitetura, o segundo andar da Pinacoteca possa ser acessado por seis diferentes pontos, optou-se por manter uma sequência narrativa que se desenvolve circularmente pelas salas. O visitante pode iniciar a visita pela sala de sua escolha, sendo que a comunicação visual trata de informá-lo que existe um circuito a ser contemplado.
4. as pesquisas de público indicaram a necessidade de criação de fatos novos na exposição do acervo que pudessem motivar o retorno de visitantes. Nesse sentido, as quatro salas que ocupam os ângulos do edifício foram destinadas à realização de mostras temporárias que, alternadas a cada seis ou oito meses, atuam como comentários sobre o acervo, seja em pequenas exposições monográficas, em mostras da coleção de obras sobre papel, ou em diálogos propostos a partir de trabalhos contemporâneos. Algumas das mostras já realizadas são: *Viajantes contemporâneos*, *O nu além das academias*, *Vistas do Brasil*, *Antonio Parreiras*, entre outras.
5. também nas pesquisas de público surgiram reivindicações de espaços de descanso ao longo do percurso da exposição do acervo. As salas acessadas pelas passarelas foram transformadas em salas

- de repouso e leitura, contendo também atividades propostas pela Ação Educativa. Elas funcionarão ainda como acesso às varandas, que permanecerão abertas.
6. a tendência dos visitantes de caminhar aleatoriamente pelo espaço expositivo, sem noção de um percurso a ser seguido, foi sanada por meio de um projeto de comunicação visual adequado, assim como pela existência mapas e guias de visita que foram postos à disposição dos visitantes.
 7. o acesso à nova exposição passou a ser feito pelo Átrio Joseph Safra, um espaço referencial na arquitetura da Pinacoteca, na medida em que é o único imediatamente reconhecido pelos visitantes. Além disso, suas dimensões o tornam apto ao acolhimento de grupos, fator determinante no que diz respeito aos trabalhos do Núcleo de Ação Educativa.
 8. com relação ao modelo expográfico, a proposta foi evitar o antigo modelo de exposição “belas-artes”, que propõe o acúmulo de pinturas nas salas por meio de sua fixação em diferentes alturas. Propôs-se, por outro lado, a utilização de mapotecas em algumas salas, permitindo a inclusão na mostra de grande número de obras sobre papel (aquarelas, desenhos, gravuras).
 9. embora abrangente, o acervo da Pinacoteca apresenta várias lacunas. As mais significativas foram sanadas pela realização de comodatos de longa duração com outras instituições.

10. uma das principais estratégias educativas implementadas na nova exposição foi a inserção de “obras relacionais” em algumas das salas ao longo do percurso. Essas obras, cronológica e/ou estilisticamente diversas das que estão expostas, tem por objetivo ampliar o potencial discursivo e interpretativo das peças, complementando a narrativa proposta na mostra.

A narrativa arte-histórica se constitui a partir de uma sequência de salas temáticas pensadas em sucessão cronológica, que se organizam a partir de dois eixos temáticos principais. De um lado, a formação de um imaginário visual sobre o Brasil, levando em conta a contribuição dos viajantes estrangeiros no século XIX, assim como as questões advindas com a Independência e a República no sentido de afirmar uma identidade nacional e uma arte brasileira, e que marcaram também a primeira geração de modernistas. De outro, a formação de um sistema de arte no país – ensino, produção, mercado, crítica e museus – iniciado com a vinda da Missão Artística Francesa, a criação da Academia Imperial de Belas Artes e do programa de pensionato artístico, os desdobramentos do gosto pela arte e pelo colecionismo, público e privado, e que está na origem da criação dos museus e dos processos de patrimonialização da cultura visual e simbólica. O percurso das salas propõe os seguintes temas: A tradição colonial; Os artistas viajantes; A criação da Academia; A Academia no fim do século; O ensino acadêmico; Os

gêneros de pintura; A pintura de gênero; Das coleções para o museu; Um imaginário paulista; O nacional na arte.
Implementação da nova exposição

O segundo andar da Pinacoteca Luz foi fechado à visitação pública em dezembro de 2010, sendo que um conjunto de cerca de 30 obras foi reunido numa das salas expositivas do primeiro andar em mostra intitulada *Destaques do acervo*. Nos dez meses que se seguiram, procedeu-se à remoção dos carpetes e instalação de um novo piso, que veio contribuir não apenas para o melhor acabamento e a aparência das salas, mas, sobretudo, para uma melhora das condições acústicas no interior das galerias e do próprio museu. Foram construídas novas paredes/painéis a fim de ampliar a metragem linear para a apresentação de trabalhos e acentuar o caráter de galeria das salas, que ganharam também um novo projeto de iluminação. Por outro lado, o Núcleo de Conservação e Restauro trabalhou intensamente na limpeza e consolidação de todas as obras que integrariam a exposição.



Figura 3 - Aspecto da nova exposição do acervo da Pinacoteca, 2011.

A remodelação da exposição do acervo foi acompanhada da criação de uma nova identidade visual que visava não apenas uma melhor orientação do público no segundo andar, mas também uma maior articulação dos diversos espaços no interior do museu, normatizando textos de parede, etiquetas, orientações e informações gerais. As peças gráficas criadas – guia de visita e mapa do museu –, bem como todo o conteúdo textual da exposição – textos de parede e etiquetas – foram realizados em português, inglês e espanhol, de modo a possibilitar a comunicação com o público estrangeiro, cada vez mais numeroso na Pinacoteca. Também fizeram parte do projeto a realização de um áudioguia e do signoguia, adaptado para visitantes com deficiência auditiva.

É importante assinalar que a implementação deste projeto foi integralmente realizada com fundos aportados pelo Governo do Estado de São Paulo por meio da Secretaria de Estado da Cultura, como também por dotações obtidas junto ao Fundo de Interesses Difusos (FID) da Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania.

Considerada no contexto da missão institucional da Pinacoteca, a exposição **Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo** vem cumprir o intento de proporcionar ao visitante uma experiência qualificada em sua relação com as obras expostas, além de constituir um espaço de diálogo com o próprio museu. Ao interpretar as peculiaridades do processo brasileiro, a mostra não pretende ser conclusiva, pois reconhece-se que as obras

ali expostas estão abertas a novas leituras e interpretações. O que a exposição afirma, antes de tudo, é a crença profunda na especificidade da experiência proporcionada pelo objeto artístico e pelo estar no museu. Este é um momento para observar, aprender e imaginar.

